

Muqui já tem cinco imóveis revitalizados

Jovens do Liceu de Artes e Ofício são treinados para preservar o sítio histórico

ROSÂNGELA VENTURI

Cachoeiro de Itapemirim -

Sucursal - Cinco imóveis tombados como patrimônio histórico em Muqui já estão com suas fachadas revitalizadas. A pintura nova e a recuperação de detalhes em alto e baixo relevos são resultado do trabalho de um grupo de 70 alunos dos cursos de formação básica em pintura e de pedreiro, ministrados na cidade desde o começo de janeiro. As oficinas fazem parte de um projeto denominado Liceu de Artes e Ofício que visa a capacitar mão-de-obra para garantir a sustentabilidade do sítio histórico.

Esse projeto está inserido num amplo programa de qualificação profissional realizado pela Fundação Corredor Centroleste, em parceria com os governos federal e estadual, através da Secretaria de Trabalho e Ação Social (Setas). O custo do programa é de R\$ 600 mil e os recursos são provenientes do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). A meta é capacitar 10,5 mil pessoas em 16 municípios, dez dos quais no Sul do Estado.

Início

O programa foi lançado em Muqui em meados de dezembro. O município foi contemplado com 30 cursos de pequena duração nas áreas de turismo, agricultura, culinária, línguas e construção civil. O coordenador executivo do programa na cidade, Genildo Hautequest Filho, informa que 2,5 mil pessoas participaram das oficinas voltadas para capacitação de pessoal para a



implementação de projetos turísticos como o Cama e Café. A maioria dos cursos já foi concluída. Os de pintura e de pedreiro estão na fase final.

Apenas em Muqui foram realizados treinamentos específicos nas áreas de construção civil. A proposta, explica Hautequest Filho, é formar pedreiros e qualificar aqueles que já atuam, além de capacitar profissionais para a revitalização dos edifícios históricos, incluindo formação básica em pintura. Como laboratório, os alunos estão empenhados na tarefa de revitalizar cinco edificações. O trabalho seria concluído até a última sexta-feira. "Essas pessoas terão condições de executar obras de intervenção em prédios históricos, sob orientação de um profissional da área", destaca.

Para os proprietários que disponibilizaram os imóveis a

experiência significou economia. Eles arcam com as tintas apenas. A mão-de-obra representa 60% do valor do serviço de pintura. A estudante Fabiana Rodrigues, 17, residente no Morro da Formiga, soube do curso por meio de amigos. Por curiosidade resolveu se inscrever, pois estava desempregada. Agora já sonha conseguir trabalho como pintora. "Eu sempre gostei de olhar essas casas e me interessava por saber mais sobre a história de cada uma. Agora estou ajudando a torná-las mais bonitas", conta.

Expectativa

O também estudante Artur Duarte da Silva, 16, é outro que aposta no curso para conseguir trabalho. Ele conta que passou a se interessar pelo casario de Muqui depois de assistir a uma palestra sobre tombamento. Nunca pensou em trabalhar co-

mo pintor, mas descobriu que gosta da tarefa. "Aqui quase não tem emprego. A gente tem de aproveitar as oportunidades", conclui Paulo Sérgio Gonçalves de Oliveira, 17, outro estudante que participa do curso.

A dona-de-casa Zilda Vallim Rodrigues, 70, dona de uma casa erguida em 1924, se disse encantada com o resultado do trabalho. Ela reside no local há 50 anos e conta que sempre procurou conservar o prédio por conta própria. "Mas é melhor quando a gente tem a orientação de profissionais qualificados", frisa. O "laboratório" dos alunos serviu para despertar o interesse de outros donos de casas históricas. Pelo menos dez proprietários já manifestaram interesse em contratar a mão-de-obra capacitada no curso para pintar suas residências.



Rosângela Venturi

INICIATIVA

Setenta alunos dos cursos de formação básica em pintura já fizeram o trabalho de recuperação em cinco imóveis do município. O laboratório dos alunos serviu para despertar o interesse de outros donos de casas históricas

CASAS REFORMADAS

- Casa Luís Siano - localizada no entorno do Jardim Público. Construção da década de 20, em estilo eclético. As paredes da varanda e da sala de estar conservam pinturas feitas nos anos 30. A residência pertenceu ao ex-prefeito Luís Siano e atualmente é de propriedade de Márcia Fraga. A tonalidade rosada foi substituída pela cor original azul, ressaltando os detalhes em branco.
- Casa de Maria Amélia França - também localizada no entorno do Jardim Público. Sobrado em estilo eclético. A cor bege foi substituída pelo ocre original.
- Casa Moderna - construída na década de 50 é representativa da arquitetura moderna e tam-

bém incluída na relação de prédios históricos.

■ Casa Jorge Nunes Acha - é a mais representativa do estilo eclético, marca das primeiras décadas do século XX. É importante em termos de arquitetura e artes aplicadas. O interior da residência conserva detalhes e pinturas nas paredes e no forro. A fachada será pintada em tons de cinza, com detalhes em branco e as portas e janelas em azul cerúleo.

■ Casa de Zilda Vallim Rodrigues - residência classificada como uma das casas operárias, erguidas na década de 20. Imóvel relacionado para integrar o projeto Cama e Café em Muqui.